

## Notas

### As "lágrimas secas". O pranto dos malditos na obra "*Gritos do Inferno para despertar ao mundo*" do Pe. Joseph Boneta.

"E lançá-los-ão na fornalha ardente, e ali haverá choro e ranger de dentes".

Mateus 25, 41-42.

Há, pois, *choro* no Inferno.

Os autores que, ao longo dos tempos, apresentaram a narrativa apavorante dos suplicios "corporais" e tormentos espirituais infligidos aos condenados mencionam o *choro* como consequência desses terríveis males? Em que termos nos aparece descrito o *choro* do Inferno? Que atributos o caracterizam? Numa palavra, que *choro* e que *lágrimas* são as dos eternamente danados?

Na tentativa de uma individualização do pranto dos malditos a partir de fontes bibliográficas do século XVIII, estudou-se, em especial, um autor: o padre aragonês Joseph Boneta<sup>1</sup> e uma sua obra: *Gritos del Inferno para despertar el mundo* na tradução e edição portuguesas de 1721<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Joseph BONETA Y LAPLANA (1638-1714), natural de Zaragoza, sacerdote e doutor em teologia, autor de numerosos títulos, alguns deles com notável projecção para a época e com traduções em várias línguas, inclusivé em chinês. Ver A. PALAU Y DULCET, *Manual del Librero Hispano-Americano*, Barcelona, 1949, 327-328

Ver também Maria Gabriela Gomes de OLIVEIRA, *Uma "irmandade" volante do século XVIII. O folheto "Lágrimas das Almas"* in *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. IX (1992), 349-354.

<sup>2</sup> Joseph BONETA, *Gritos del Inferno para despertar el mundo*, Zaragoza, por Tomaz Martínez, 1705. A obra conheceu sucessivas edições das quais destacamos: Barcelona, Pablo Campinas, 1706; Valadolid, Alonso de Riego, 1754; Madrid, Ramirez, 1765. Paris, irmãos Garnier, s/d. Em Portugal fizeram-se duas edições: *Gritos do Inferno para despertar ao Mundo*, Lisboa, oficina de Miguel Manescal, 1716 e Lisboa, oficina de Filipe de Sousa Villela, 1721. Em Lisboa, a B.N. possui exemplares da obra em original, edições de Madrid, 1707 e Barcelona, 1718 e as duas edições portuguesas já citadas. A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra tem as duas edições

O livro acompanha, sem originalidade, os cânones doutrinários adoptados pela Igreja Católica no tocante ao Inferno e às penas eternas, os quais remontam à *Cidade de Deus* de Santo Agostinho e vão ganhando forma e estrutura entre o século XIII e o século XV em obras pias, sermões, teatro religioso e na iconografia respectiva<sup>3</sup>. Criam-se, deste modo, estereótipos e lugares comuns que, lentamente, acabam por ser indissociáveis de qualquer evocação do Inferno: a eternidade das penas, a adaptação do castigo à culpa, os suplícios espirituais com principal incidência na pena de dano, os tormentos ditos "corporais", normalmente agrupados de acordo com os cinco sentidos, o fogo e o calor como instrumentos primeiros de tortura, a escuridão...<sup>4</sup> Dentro deste mortificante contexto, o *choro* surge como uma manifestação de ira e sofrimento dos excluídos da beatitude do além.

O Pe. Boneta, como acima foi dito, segue todos os modelos de "composição" do cenário infernal. Quanto ao choro, embora ao longo das mais de quatrocentas páginas de *Gritos do Inferno* se lhe refira escassamente, essas curtas alusões oferecem dados interessantes para uma tipologia do pranto dos malditos. No texto, o *choro*, ora se define como *bramido*, ora se exprime como *rayvoso tormento*: "Que farei eu, que actualmente padeço já estas misérias? O seu distante ameaço deve fazer huiivar a quem pôde fugir dellas, vede que bramidos provocará sua actual eterna pancada a quem já não pôde escapar della? Aqui, pois, choro, grito, rujo, huivo e bramo, tão cuberto de miserias, como incapaz de se despegar dellas."<sup>5</sup>

As formas verbais que se seguem a chorar acentuam o carácter animalesco desses sons agudos, berros que exprimem a angústia, a raiva e o desespero absoluto. Em um outro passo da obra lê-se: "me affundiram para sempre em huma profunda cova de fumo e fogo, na qual se nam pôde tomar pé, aõde me queymo vivo, aõde morro sem morrer, aõde choro sem cessar, suspiro sem esperança, & me despedaço sem cõpayxam, aonde quãto vejo, quanto ouço, quãto cuydo, quãto toco, quãto faço e quãto deyxo de fazer he hũ rayvoso tormento."<sup>6</sup>

*Morro sem morrer, choro sem cessar, não importa o que faço numa*

nacionais. Nas Bibliotecas Municipais do Porto, Braga e Évora existe a edição de 1721.

<sup>3</sup> Jean DELUMEAU, *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident. XIII-XVIII siècles*. Paris, 1983, Cap. 13, 416-426. Jérôme BASCHET, *Le Moyen-Age a-t-il peur de l'enfer?* in *L'Histoire*, Novembro (1994), 26-36.

<sup>4</sup> Jean DELUMEAU, *Le péché et la peur*, ed. cit., 423.

<sup>5</sup> Joseph BONETA, *Gritos do Inferno para despertar ao mundo* (tradução de António de Faria Barreiros) Lisboa, oficina de Filipe de Sousa Villela, 1721, 42.

<sup>6</sup> Joseph BONETA, *Gritos do Inferno*, ed. cit. 461.

situação eternamente imutável; o *choro* revela-se inútil, apenas um sofrimento a mais... E as lágrimas? Não se soltam como explosão de dor ou de fúria o que, de algum modo, descarregaria as tensões, poderia constituir um abrandamento nos suplícios constantes. Os olhos ficam enxutos, as lágrimas secas, como se o autor receasse que a humidade delas tivesse o poder de aliviar, ainda que minimamente, o braseiro que consome os danados.

Todavia, o Pe. Boneta, nas últimas páginas de *Gritos do Inferno* fala expressamente em lágrimas. Sim, mas de essência e substância diferentes das que correm neste mundo-vale de lágrimas. As do "cárcere maldito" são inumanas, pestilentas e escaldantes, de alcatrão fervente ou de sangue putrefacto destilado pelo próprio coração...<sup>7</sup>

Alguns autores contemporâneos do Pe. Boneta exprimem-se de modo muito semelhante no que diz respeito ao *choro* e às *lágrimas* na "negra região das sombras". Por exemplo: o pregador francês Godeau, na 8ª homília para o 4º domingo do advento, ao falar dos castigos do Inferno, lembra que lá se hão-de chorar "lágrimas de fogo"<sup>8</sup>; o jesuíta português Alexandre de Gusmão em *Eleiçam ente o bem & o mal eterno*, datado de 1720 refere que os olhos dos condenados apenas servem para chorar mas deixa ficar bem claro que essas lágrimas "não são de penitência nem de alívio mas sim de tormento"<sup>9</sup>.

As lágrimas, esvaziadas de merecimento, inúteis também elas, desprovidas da capacidade de aliviar ou consolar, tornam-se como o choro, um suplício a mais entre os tantos que afligem os condenados.

A análise da obra *Gritos do Inferno* do Pe. Boneta permite-nos esboçar alguns traços individualizantes do pranto dos malditos. Este assemelhar-se-á a sons agudos, animais, que de humano apenas terão a nota do desespero. Um pranto inútil para o alívio do corpo ou do espírito, um pranto de olhos enxutos, abrasados pelas lágrimas secas, um tormento acrescentado aos incontáveis tormentos dos condenados à maldição eterna.

Maria Gabriela Gomes de Oliveira

<sup>7</sup> Joseph BONETA, *Gritos do Inferno*, ed.cit., 422.

<sup>8</sup> A. GODEAU, *Homélies*, 62-63 in Jean DELUMEAU, *Le péché et la peur*, ed. cit., 423.

<sup>9</sup> Alexandre de GUSMÃO, *Eleiçam entre o bem & o mal eterno*, Lisboa Occidental, Officina de Musica, Anno MDCXX, 168-169.

